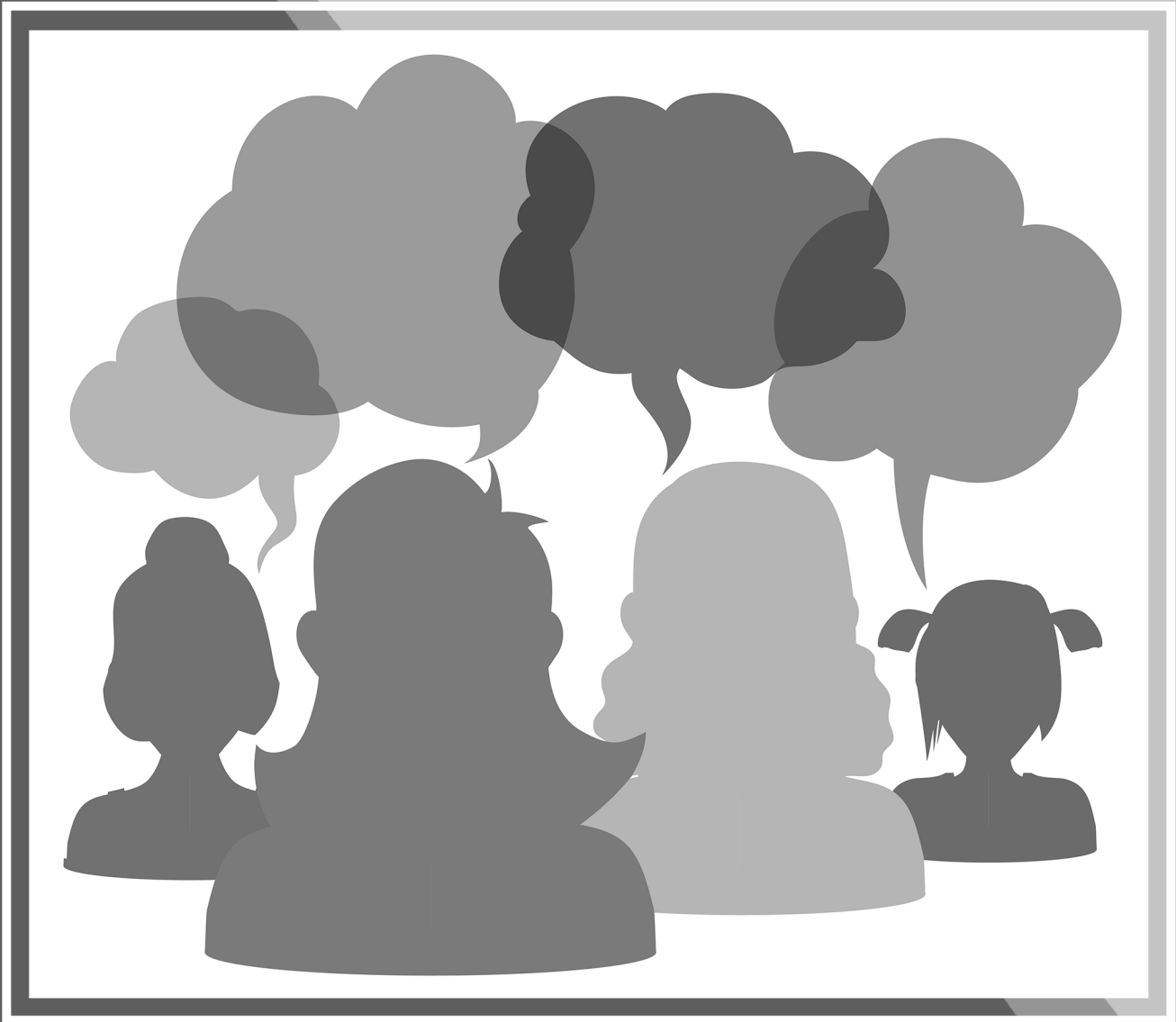


História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadores)

História: Espaço Fecundo para Diálogos 2



Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadores)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	<p>História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos 2 / Organizadores Antonio Gasparetto Júnior, Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-81740-01-6 DOI 10.22533/at.ed.016201102</p> <p>1. História – Filosofia. 2. História - Historiografia. 3. Historiadores. I. Gasparetto Júnior, Antonio. II. Bôscaro, Ana Paula Dutra. CDD 907.2</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O campo da História é repleto de possibilidades ou, como sugere o título deste livro, um espaço fecundo para diálogos. Neste sentido, são possíveis análises cronológicas, quantitativas, qualitativas, biográficas, transnacionais e interdisciplinares que permeiam outras variáveis como econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais, por exemplo. Assim, o chamado para se refletir sobre a História é um chamado para se pensar a atuação do ser humano no planeta, em suas diferentes épocas, seus diferentes contextos e em suas diferentes abordagens.

A História, como ciência, é dotada de métodos que são empregados por seus pesquisadores e pesquisadoras para, a partir de questões que são colocadas, verificar suas teses em fontes pertinentes ao tema analisado. O que o leitor encontrará neste volume são textos que foram selecionados para composição do livro a partir de um eixo que prioriza a reflexão a respeito da Educação, da Religião e do Patrimônio. Os 30 capítulos são frutos de estudos que foram desenvolvidos por profissionais de diversas instituições do país.

Na primeira parte da obra estão reunidas análises históricas acerca da Educação. De modo que, internamente, esses textos permeiam debates em torno de questões étnicas na Educação, aspectos do ensino básico e do ensino universitário.

Na segunda parte da obra estão reunidas análises históricas situadas no campo das religiões. Assim sendo, os respectivos capítulos concentram análises que retomam aspectos religioso desde a Idade Média até os dias atuais, além de refletir sobre questões de gênero no campo religioso e trajetórias pessoais.

Por fim, a terceira parte do livro é composta por análises históricas no campo do Patrimônio. De tal forma abrangente que parte da antiguidade egípcia até a música contemporânea. Seus textos discutem outros temas como folclore, teatro e quilombos.

Em síntese, a obra *História: espaço fecundo para diálogos* é uma constatação ao leitor das inúmeras possibilidades das pesquisas históricas, apresentando resultados de investigações que são notadamente importantes para o conhecimento da sociedade. Ademais, é de suma importância a divulgação científica do trabalho do Historiador/Historiadora, que constrói pontes para uma sociedade mais justa e consciente.

Antonio Gasparetto Júnior
Ana Paula Dutra Bôscaró

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NEGRITUDE E MEMÓRIAS APAGADAS: O ENSINO DE HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS NÃO CONTADAS DE UMA CIDADE MINEIRA (1976-2016)	
Maria Rita de Jesus Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.0162011021	
CAPÍTULO 2	14
EDUCAÇÃO PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA PROPOSTA DE VISIBILIZAR A LEI 10.639/2003 E DECOLONIZAR O CURRÍCULO NO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL MIGUEL ARCANJO, EM SÃO SEBASTIÃO – DISTRITO FEDERAL	
Técia Goulart de Souza Elison Antonio Paim	
DOI 10.22533/at.ed.0162011022	
CAPÍTULO 3	24
ÓRFÃOS DO ELDORADO DE MILTON HATOUM: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A HISTÓRIA E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA AMAZÔNIA	
Arcângelo da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011023	
CAPÍTULO 4	37
HISTÓRIA INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA: HÁ LUGAR PARA TEMPORALIDADES OUTRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA?	
Edith Adriana Oliveira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.0162011024	
CAPÍTULO 5	53
PAULO BOURROUL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS NA ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Matheus Luiz de Souza Céfalo	
DOI 10.22533/at.ed.0162011025	
CAPÍTULO 6	69
EDUCAÇÃO INFANTIL NA LEI FEDERAL Nº 10.639/03: INDIFERENÇA A SER SUPERADA	
Carla Santos Pinheiro Lauro de Freitas/Bahia	
DOI 10.22533/at.ed.0162011026	
CAPÍTULO 7	80
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL POR MEIO DA ILUMINAÇÃO SEMAFÓRICA DE BELO HORIZONTE: “PROJETO CIDADE REVELADA - INTERPRETAÇÃO E SINALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL”	
Ana Carolina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0162011027	

CAPÍTULO 8	91
PATRIMÔNIO CULTURAL E A HISTÓRIA LOCAL: UMA PESQUISA DO PROFHISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Antônia Lucivânia da Silva Paula Cristiane de Lyra Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0162011028	
CAPÍTULO 9	106
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS	
Carollina Carvalho Ramos de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0162011029	
CAPÍTULO 10	118
IMAGENS EM SALA DE AULA: O USO DE PINTURAS HISTÓRICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Priscila Santos Calegari	
DOI 10.22533/at.ed.01620110210	
CAPÍTULO 11	131
CONTESTADO EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	
Gerson Luiz Buczenko	
DOI 10.22533/at.ed.01620110211	
CAPÍTULO 12	141
ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL E INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DAS COLEÇÕES DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA E LÍNGUA PORTUGUESA	
Nádia Narcisa de Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110212	
CAPÍTULO 13	154
ARIANO SUASSUNA: A ESCRITA E A PRÁTICA DE UM PENSAMENTO EDUCACIONAL NO “BRASIL REAL”	
Aurea Maria Bezerra Machado	
DOI 10.22533/at.ed.01620110213	
CAPÍTULO 14	165
O (AUTO) BIOGRÁFICO NO PROCESSO FORMATIVO: DOCÊNCIA ORIENTADA NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	
Fabiana Regina da Silva Cristiane Medianeira da Silva Reis	
DOI 10.22533/at.ed.01620110214	
CAPÍTULO 15	180
A MISSÃO DAS UNIVERSIDADES: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DAS PROPOSIÇÕES EDUCACIONAIS DE ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA	
Alexandre de Britto Redondo	
DOI 10.22533/at.ed.01620110215	

CAPÍTULO 16	194
UMA ANÁLISE DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS: COTAS PARA ESTUDANTES NEGROS	
Josefa Neves Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.01620110216	
CAPÍTULO 17	208
SANTO INOCÊNCIO MÁRTIR: UM SANTO ITALIANO DO SÉCULO III EM TOMAZINA PR	
Jonathas Wilson Michelin	
Angelita Marques Visalli	
DOI 10.22533/at.ed.01620110217	
CAPÍTULO 18	221
A IGREJA E A FONTE DE NOSSA SENHORA D'AJUDA DE PORTO SEGURO (1551- 1761)	
Lucas de Almeida Semeão	
DOI 10.22533/at.ed.01620110218	
CAPÍTULO 19	233
AS HAGIOGRAFIAS SEISCENTISTAS DE JOSÉ DE ANCHIETA: PROJETOS POLÍTICOS E IDENTIDADES RELIGIOSAS EM CONCORRÊNCIA	
Camila Corrêa e Silva de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.01620110219	
CAPÍTULO 20	246
O SOCIAL NA ARTE SACRA DE E. P. SIGAUD: O CASO DAS PINTURAS MURAIIS MODERNISTAS NA CATEDRAL DE JACAREZINHO	
Luciana de Fátima Marinho Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.01620110220	
CAPÍTULO 21	258
A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA NA DIOCESE DE MANAUS	
Elisângela Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110221	
CAPÍTULO 22	271
O DESAFIO DE PESQUISAR O ACERVO DAS ORDENS RELIGIOSAS FEMININAS EM PORTUGAL	
Tatiane de Jesus Chates	
DOI 10.22533/at.ed.01620110222	
CAPÍTULO 23	284
O DISCURSO PROTESTANTE PENTECOSTAL DA BÍBLIA DA MULHER ACERCA DA CONDIÇÃO FEMININA VERSUS O DISCURSO ORAL DAS FIEIS	
José Glauber Lemos Diniz	
Daniele Barbosa Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.01620110223	

CAPÍTULO 24	298
ARCEBISPO DA PARAÍBA DOM JOSÉ MARIA PIRES: RELIGIÃO E POLÍTICA ENTRE OS ANOS DE 1965-1985	
Naiara Ferraz Bandeira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.01620110224	
CAPÍTULO 25	308
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A <i>MA'AT N'AS LAMENTAÇÕES DE KHA-KHEPER-RÉ-SENEB</i>	
Victor Braga Gurgel	
DOI 10.22533/at.ed.01620110225	
CAPÍTULO 26	321
APONTAMENTOS PARA UM ESTUDO DA EMERGÊNCIA DO CONCEITO DE FOLCLORE NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO O CASO DE SILVIO ROMERO	
Manoel Carlos Fonseca de Alencar	
DOI 10.22533/at.ed.01620110226	
CAPÍTULO 27	330
NICOLAU ALEKHINE NO ARQUIVO IPHAN-SP: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	
Rafael de Araújo Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01620110227	
CAPÍTULO 28	340
COMPANHIA TEATRO MODERNO DE LISBOA (TML): ENGAJAMENTO, RESISTÊNCIA E CRIAÇÃO CULTURAL NOS ANOS 1960	
Kátia Rodrigues Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.01620110228	
CAPÍTULO 29	351
ACAMPAMENTO E CULTURA POLÍTICA: ESTUDO DE CASO DO ASSENTAMENTO ZUMBI DOS PALMARES – RJ (1997-2015)	
Elson dos Santos Gomes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.01620110229	
CAPÍTULO 30	363
O RAP INTERCULTURAL CONSTRUINDO UMA REPRESENTAÇÃO HÍBRIDA DA CIDADE DE MANAUS (1989 A 1999)	
Richardson Adriano de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01620110230	
SOBRE OS ORGANIZADORES	376
ÍNDICE REMISSIVO	377

PERSPECTIVAS HISTÓRICAS ACERCA DOS DISCURSOS SOBRE A *MA'AT* N'AS LAMENTAÇÕES DE *KHA-KHEPER-RÉ-SENEB*

Data de aceite: 27/01/2020

Data de submissão: 04/11/2019

Victor Braga Gurgel

Universidade Federal da Paraíba – UFPB,
Programa de Pós-Graduação em História –
PPGH/UFPB, Departamento de História
João Pessoa - PB

RESUMO: O Egito faraônico do Reino Médio foi considerado pelos próprios egípcios e pela egiptologia como uma “época áurea”, se fundamentando sob aspectos identitários que se constituíram como uma resposta aos elementos que geraram a crise do Primeiro Período Intermediário. Também no Reino Médio surgiu aquilo que se convencionou chamar de *belles lettres* egípcias. Sendo no Reino Antigo *ma'at* considerada a vontade do rei, inseparável deste, após a crise da monarquia no Primeiro Período Intermediário aparecem os chamados “discursos sobre a *ma'at*” nos textos literários egípcios canonizados, a partir do Reino Médio, isto é, um conjunto de textos reveladores de um “universo discursivo” comum relacionados à *ma'at*. As *Lamentações de Kha-Kheper-Ré-Seneb*, um desses textos literários canonizados do período, tem datação provável na XII Dinastia (1991 – 1783 a.C.), estando conservado no Museu Britânico em uma tabuinha designada

como *BM EA 5645*. O texto constitui-se em uma introspecção do sacerdote de Heliópolis *Kha-kheper-ré-seneb*, com o seu coração (*ib*). Em um dos trechos, ele profere discursos sobre a iniquidade, cobiça, egoísmo, rebelião, injustiça, presentes na sociedade ao seu redor, ou seja, elementos totalmente opostos à ideia egípcia de *ma'at* – ordem, justiça, verdade, e demais elementos associados à solidariedade social. Neste sentido, buscamos compreender como este texto contribuiu na perpetuação de uma memória cultural egípcia em relação aos elementos condensados na noção de *ma'at*, ligados à solidariedade social: a fala, a ação e a justiça/verdade. A abordagem do texto é feita através da análise de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Egípcia; *Ma'at*; Reino Médio; Memória Cultural.

HISTORICAL PERSPECTIVES ABOUT THE SPEECHS ON *MA'AT* IN THE COMPLAINTS OF *KHAKHEPERRÉSENEB*

ABSTRACT: Both the ancient Egyptians and the modern Egyptology regard the period called Middle Kingdom (c. 2040 – 1640 a.C.) as a “golden age”, grounded in identity aspects that constituted a response to the crisis of the Pharaonic institution occurred in the First Intermediate Period (c. 2134 – 2040 a.C.). Also in the Middle Kingdom arose what was

conventionally called by the Egyptology the Egyptian *belles lettres*. *Ma'at*, Egyptian principle considered in the Old Kingdom (c. 2575 – 2134 a.C.) as the will of the king, and foundation of his power, is thematized after the turmoil in the monarch's power in the First Intermediate Period, arising in the Middle Kingdom what Jan Assmann calls the “speeches on *ma'at*”, namely, a set of texts revealing a common “discursive universe” related to *ma'at*. The *Complaints of Khakheperreseneb*, one of the Middle Kingdom canonical literary texts, is dated probably in the Twelfth Dynasty (c. 1991 – 1783 a.C.), and preserved in a tablet kept in the British Museum under the code *BM EA 5645*. The content of the text is a self-examination by priest of Heliopolis *Khakheperreseneb* with his heart (*ib*). In one excerpt he delivers speeches about the iniquity, greed, selfishness, rebellion, injustice present in the society around him, elements totally opposed to the Egyptian idea of *ma'at* – order, justice, truth, and other elements associated with social solidarity. In this sense, we seek to understand how this text contributed to the perpetuation of an Egyptian cultural memory with respect to the condensed elements in the notion of *ma'at*, linked to social solidarity: speech, action, justice/truth. Our approach to the text is made through content analysis.

KEYWORDS: Egyptian Literature; Ma'at; Middle Kingdom; Cultural Memory.

INTRODUÇÃO

As Lamentações de Kha-Kheper-Ré-Seneb é um texto literário egípcio tradicionalmente datado no Reino Médio. Ao contrário da literatura egípcia do período, este texto fala do presente (OCKINGA, 1983, p. 91). É o primeiro registro escrito de um homem que, no começo do II milênio antes de Cristo, exclamou que não seria possível inovar a partir do estilo tradicional, demandando para tanto um estilo diferente (CHAPPAZ, 1979, p. 12). Por tais razões, é considerado uma obra-prima do pensamento egípcio.

A única cópia do texto que chegou até a contemporaneidade está escrita em hierático, e foi achada por acaso por Alan H. Gardiner no Museu Britânico (GARDINER, 1969, p. 95 – 112), onde ainda se encontra, sob a designação *BM EA 5645*. Se trata de uma tabuinha de madeira, coberta de estuque dos dois lados, medindo 55 cm de comprimento, 29 cm de altura e 5 mm de espessura (KADISH, 1973, plt. XXXII e XXXIII). A partir de características filológicas específicas, e do nome “Kha-Kheper-Ré” (A Forma de Ré Brilha), *prenomen* do faraó Senusret II da XII Dinastia, o texto é datado no final da XII Dinastia (c. 1991 – 1783 a.C.) ou princípio da seguinte (KADISH, 1973, p. 89; VERNUS, 1990, p. 188 – 189; BARBOTIN, 2012, p. 1; CANHÃO, 2014, p. 748). A tradução para o português em que nos baseamos é a de Telo Ferreira Canhão (CANHÃO, 2013, p. 169 – 172; CANHÃO, 2014, p. 755 – 770).

É válido salientar não ser nosso objetivo aqui discutir a validade do emprego do

termo **literatura** para o Egito Antigo. Nosso entendimento de **literário** abarca aqueles textos que possuem uma elegância estética, independentemente da natureza da informação que transmitem (LOPRIENO, 1996, p. 42). Como tal, possuem importância como fontes históricas *primárias*, uma vez que nos permitem acessar o pensamento egípcio, apesar do acordo de ficcionalidade existente entre o escriba e o público (MORENZ, 2003, p. 103 – 104).

O texto constitui-se em um monólogo de Kha-Kheper-Ré-Seneb, sacerdote de Heliópolis (Iunu), com o seu coração (*ib*), ou melhor, consigo próprio, ou com sua consciência, acerca da subversão em que se encontra o Egito de seu tempo, que trocou *ma'at* (*m3ct*) por *isfet* (*isft*). Ao lamentar a repetição presente nas tradições egípcias, principalmente na tradição escrita, busca realizar um trabalho inovador, e lamenta a sua incapacidade para tanto. Falando com o seu coração (*ib*), busca o seu apoio para tentar superar os tempos catastróficos em que vive, uma vez que não encontra solidariedade entre os egípcios. Canhão (2014, p. 750) acredita que o seu segundo nome, Ankhu (*cnhw*), “Aquele que Vive”, denota o seu sucesso nesta empreitada. Boa parte do texto dedica-se a descrever o caos em que se encontrava o Egito na época deste sacerdote.

É válido salientar que, ao criticar a repetição, Kha-Kheper-Ré-Seneb constantemente aborda em seu texto o tema da falta de solidariedade social através da fala, sendo o silêncio dos egípcios frente à situação caótica em que o Egito se encontrava uma das causas para a manutenção deste *status quo*.

Neste sentido, elegemos a *memória cultural* (ASMMANN, 1995, 2008, 2011) como lineamento teórico, uma vez que tal conceito nos permite compreender como a repetição de um determinado fator ou informação é capaz de inculca-la não só na memória social, mas na memória cultural, cristalizada, de um povo (ASSMANN, 1989, p. 27). Assim, uma vez que o Primeiro Período Intermediário trouxe consigo uma quebra na tradição faraônica, seu restabelecimento gerou a necessidade de recuperá-la. Para tanto os saberes que um grupo deseja cristalizar na memória cultural – no caso em análise, como os egípcios deveriam ou não agir tendo em vista a manutenção da *ma'at* – devem ser constantemente repetidos, de uma maneira institucionalizada (ASSMANN, 2008, p. 97).

As lamentações do sacerdote em análise, por terem se tornado um texto clássico egípcio, cumpriram bem esta função. Estando carregadas de elementos negativos, se tornam uma excelente fonte para compreendermos o pensamento egípcio acerca da *ma'at*, parte essencial do *ethos* egípcio radicalmente contrário a tais aspectos negativos. Considerando que *ma'at* era intrínseca à instituição faraônica, legitimadora em última instância desta, e que o chamado Primeiro Período Intermediário, época imediatamente anterior ao Reino Médio – quando foi cunhado o texto – se caracterizou por uma fragmentação do antes centralizado poder faraônico,

tal constitui-se em excelente fonte do pensamento egípcio acerca dos “discursos sobre a *ma’at*”. Neste sentido, e também levando em conta que se considera que o texto completo não chegou até nós (*vide* discussão em OCKINGA, 1983, p. 92 – 93; BARBOTIN, 2012, p. 1 – 20) empregaremos uma *análise de conteúdo de caráter qualitativo*, buscando através dela inferir tais discursos. Explanaremos esta metodologia no momento em que analisaremos a fonte.

A seguir, explicaremos sucintamente o desenvolvimento da literatura egípcia, do Reino Antigo (2575 – 2134 a.C.) até o Reino Médio (2040 – 1640 a.C.), situando a fonte analisada neste contexto.

O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA E DA LITERATURA EGÍPCIA, DO REINO ANTIGO AO REINO MÉDIO

Antes de abordar *As Lamentações de Kha-Kheper-Ré-Seneb*, um texto da literatura egípcia do Reino Médio, convém expor brevemente a relação entre os processos históricos vinculados ao poder no Egito do Reino Antigo até o Reino Médio e a complexificação da escrita, culminando nas formas literárias deste último período.

Inicialmente, é digno de nota que a escrita possui um papel na manutenção e imortalização da ideologia dominante, mesmo que os estímulos iniciais para a sua criação precedam o Estado (BAINES, 1988, p. 188). No Egito Antigo, entretanto, não há traços de seu surgimento antes da Unificação, na I Dinastia (2920 – 2575 a.C.).

O Egito Arcaico caracterizava-se por um Estado disperso, com pequenos centros urbanos, o restante dos egípcios se encontrando disseminados em assentamentos agrícolas (*ibid.*, p. 189). A invenção da escrita deve ser enxergada neste contexto de desenvolvimento de um Estado disperso, mas ainda unitário. Também deve ser levado em conta que os primeiros vestígios preservados deste código se encontram em vasos de cerâmica, pertencentes com grande probabilidade à realeza (*ibid.*, p. 189), e que quase todos os contextos em que foram encontrados estes estados iniciais da escrita estavam ligados a ela (*ibid.*, p. 190 – 191).

Vernus (2011a, p. 31 – 45), mais recentemente afirma que os *serekhs* são os mais antigos exemplos de proto-escrita egípcia, sendo mais tarde neles empregados os nomes dos reis egípcios. Os *serekhs* se constituem em uma fachada de um palácio ou templo, encimado por um falcão simbolizando o deus Hórus (muito embora haja exemplos antigos em que dois falcões encimavam a construção representada). Muitos dos *serekhs* mais primitivos foram encontrados em vasos de cerâmica, e pintados em madeira, sendo um símbolo somente utilizado pela realeza.

No Reino Antigo (c. 2575 – 2134 a.C.), a escrita se encontra restrita ao faraó e à nobreza, de tal forma que não havia oposição entre o domínio da escrita e o governo

(*ibid.*, p. 191). Este aspecto esteve bastante atrelado ao controle extremamente centralizado do faraonato do período, o que se reflete na sua utilização apenas nas tumbas do rei e das pessoas a ele mais próximas (*ibid.*, p. 192). Somente nas III e IV Dinastias (c. 2770 – 2575 a.C.) é que os aspectos de registro sofrem uma transformação, passando a aparecer evidências de uso “informal” da escrita, como marcas em pedra e um óstraco com cálculos para um arco plano do complexo da pirâmide de Djoser (*ibid.*, p. 194). O elemento central para nós é que, durante estes períodos, o código hieroglífico era capaz de conter frases completas (*ibid.*, p. 194).

Ademais, o uso mais “avançado” da escrita era reservado aos monumentos religiosos, o que pode ser atestado nos Textos das Pirâmides – os primeiros registros escritos do pensamento religioso egípcio – entre o fim da V e VIII Dinastias (c. 2353 – 2150 a.C.). É digno de nota que a Egptologia considera estes textos como o primeiro exemplo de literatura egípcia (FOSTER & FOSTER, 2008, p. 207), entendendo por “literatura” uma escrita de dimensão imaginativa e criativa, no que se inclui a poesia, a ficção e a crítica, por exemplo.

Gradualmente a autoridade central do Estado do Reino Antigo diminuiu a sua penetração nas províncias egípcias, sendo este um dos principais fatores para a fragmentação desta organização política que culminou no chamado Primeiro Período Intermediário (WILLEMS, 2010, p. 83). Isto gerou uma maior concentração do poder nestas elites provincianas, fracionando o poder monárquico centralizado no rei e em sua capital. Não há muitas fontes acerca de como ocorreu este processo, fora alguns poucos textos literários – como as *Admoestações de Ipu-uer* e os *Ensinos para o rei Meri-ka-ré* – e textos autobiográficos presentes nas tumbas do período, embora estes sejam muito tendenciosos.

Neste sentido, o Primeiro Período Intermediário (c. 2134 – 2040 a.C.) se caracterizou por uma acentuação anticentralizadora do poder iniciada muito antes, processo que foi acompanhado pela escrita (CARDOSO, 1998, p. 103), que neste período se tornou capaz de conter textos mais extensos, sendo mais difícil manter o seu controle pelas elites (BAINES, 1988, p. 202). É a partir desta sua difusão que a literatura egípcia começa a se desenvolver de modo mais profícuo.

Em inícios do Primeiro Período Intermediário, nas áreas conquistadas pelos governantes tebanos – ou seja, do sul do Egito – não há vestígios da existência de nomarcas (*ibid.*, p. 84), classe de administradores regionais criada no Reino Antigo em substituição ao governo provincial. Os nomos – uma palavra de origem grega (em egípcio, *sepat*, *sp3t*) que designava as unidades administrativas do Antigo Egito – vizinhos constantemente estavam em guerra, e a dissolução desta organização político-econômica pelo crescente Estado tebano criou um sistema administrativo central.

Quanto ao processo de unificação do Egito que culminou no Reino Médio não

há muitas evidências. Há uma aceitação geral na Egiptologia de que este período se iniciou com Mentuhotep II (que reinou entre c. 2010 – 1998 a.C.), quando este uniu as metades tebana e heracleopolitana em que a terra do Nilo se encontrava dividida (WILLEMS, 2010, p. 86 – 87).

Entretanto, não há um consenso a respeito de como este faraó chegou a unir o Egito, muito embora alguns grafites na pedra de Hatnub deixadas por Nehri I – nomarca do nomo de Hare –, atestem condições de guerra no Médio Egito, permitindo pensar na hipótese de a tomada de poder pela dinastia tebana ter sido fruto de um golpe (*ibid.*, p. 88). Quanto à Mentuhotep II, seu protocolo real mudou duas vezes, e seu terceiro nome de Hórus (*semá táui, sm3 t3wy*), “Unificador das Duas Terras”, é enxergado como um manifesto político (*ibid.*, p. 87). A transferência de artesãos de Heracleópolis, no norte, para Tebas, no sul, interferiu no estilo artístico nesta última localidade. Tal esforço é enxergado como uma busca por uma tendência conciliatória entre as duas partes antes antagônicas do Egito (*ibid.*, p. 89). É válido salientar que, mesmo antes da Unificação, Mentuhotep II já punha em prática um vasto programa de construções, atividade ligada à propaganda de seu reinado.

Muito pouco se sabe sobre seus sucessores, Mentuhotep III e IV. Willems (2010, p. 89) atesta que inscrições datadas no reinado de Mentuhotep III indicam uma continuidade da política de construções de seu predecessor. A mesma escassez de fontes dificulta o entendimento do fim da XI Dinastia (2134 – 2040 a.C.): o grafite de Nehri em Hatnub, já mencionado, descreve uma guerra civil no Médio Egito durante o fim da XI e inícios da XII Dinastias. O que se tem conhecimento é que Amenemhat I chegou ao poder, sendo seu primeiro nome de Hórus (*sehetep ib táui, sh̄tp ib t3wy*), “Aquele que acalma o coração das Duas Terras”, uma provável indicação de turbulência no período.

Este faraó, o primeiro da XII Dinastia (1991 – 1783 a.C.), já no Reino Médio, também alterou o seu nome de Hórus durante seu reinado, desta vez para *whm nswt (uhem nesut)* “Repetidor de Nascimentos”. Jan Assmann (2011, p. 19), considera a escolha deste nome uma verdadeira busca por legitimação do poderio do faraó no Reino Antigo, através do “Renascimento” da tradição faraônica desta época, perdida no Primeiro Período Intermediário. Tal uso do passado, portanto, buscava legitimar o poder do novo faraó através de uma pretensa ligação com o período em que o faraonato se consolidou.

Além deste fator, a instituição faraônica era legitimada pela *ma’at*, sendo eminentemente garantida por ela. *Ma’at* constituía-se em uma noção de eterna ordem do mundo terreno e do Cosmos, sendo essencial para a vida (*ankh, ʿnh*) e o funcionamento social do Egito Antigo em todas as suas esferas (SALES, 2015, p. 77). Tal ideia englobava o direito, a justiça e a religião, sendo garantida por toda a sociedade, e, em última instância, pelo faraó. Sua principal oponente era *isefet*

(*isft*), que englobava todos os princípios a ela antagônicos (ASSMANN, 1989, p. 12; MENU, 2005, p. 8; 23).

A extraordinária difusão da escrita egípcia ocorrida em meados do Primeiro Período Intermediário, processo que acompanhou a sua maior capacidade de conter frases mais longas e complexas, fez com que a literatura egípcia passasse a não mais servir unicamente interesses práticos, como as demandas diárias, os cultos divinos e os escritos relacionados à pós-vida (MORENZ, 2003, p. 102). Como fruto deste processo, durante o Reino Médio floresceu uma literatura classificada pela Egiptologia como canônica, sendo até mesmo enxergada por alguns egiptólogos como o ápice da tradição egípcia (FOSTER & FOSTER, 2008, p. 209).

Como exemplo deste florescimento, novos gêneros surgiram na escrita egípcia, a exemplo da literatura didática e da instrução. Textos como *Instrução de Amenemhat I ao seu filho Senuseret* e *Ensinaamentos para o rei Merikaré* constituem exemplos destes gêneros, carregados de máximas e referências a acontecimentos que marcaram o Egito da época. A escrita egípcia, por outro lado, não deixou de se desenvolver para fins práticos: é durante o Reino Médio tardio que aparecem os primeiros *shabti* e escaravelhos-coração com fórmulas inscritas (QUIRKE, 2004, p. 12. Para mais acerca dos gêneros da literatura egípcia *vide* ARAÚJO, 2000, p. 48 – 56. *Vide* ROSENVASSER, 1976, p. 7 – 46 para informações acerca das figuras de linguagem empregadas na literatura egípcia).

Um fenômeno interessante ocorrido na escrita do período é a mescla de gêneros literários para a criação de um novo. Como tal, as *Admoestações de Ipu-uer* e as *Profecias de Neferti*, por exemplo, possuem elementos das lamentações e dos textos proféticos, já existentes no Reino Antigo. Desta forma, os novos elementos ao mesmo tempo eram “velhos”, encontrando o perfeito equilíbrio entre a busca pela legitimação no passado, tão característica na sociedade egípcia, e a necessidade de inovação.

Por fim, é neste sentido que o texto *Lamentações de Kha-kheper-Ré-Seneb* se localiza na história política e da escrita egípcia. A razão da escolha deste texto foi seu tom negativo ao abordar a situação do Egito na época em que foi escrito, estando, portanto, cheio de referências implícitas à *ma'at*. Ao falar acerca de elementos contrários à ideia da *ma'at*, a fonte nos permite, a partir de uma análise *a contrario* destas menções pessimistas, chegar aos “discursos sobre a *ma'at*”. Tal termo foi cunhado por Jan Assmann, que os entende como não só um texto, mas como “toda uma família de textos que pertencem a um ‘universo de discurso’ comum, se tratando de tradições orais e escritas, de ‘tradições de textualização’”. (ASSMANN, 1989, p. 27).

Deste modo, buscaremos pelos “discursos sobre a *ma'at*” presentes na fonte

através de uma análise de conteúdo de caráter qualitativo, a partir da perspectiva de L. Bardin (1977). A análise de conteúdo “fornece informações ao leitor crítico de uma mensagem para saber mais sobre [algum] texto (BARDIN, 1977, p. 133, acréscimo nosso). Deste modo, ela permite ao leitor um contato com o aspecto “latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem” (*ibid.*, p. 9). A modalidade *qualitativa* desta análise não busca por frequências de certo elemento no texto, privilegiando, por conseguinte, a **pertinência** destes. Ela “é válida, sobretudo, na elaboração de deduções específicas sobre um acontecimento, ou uma variável de inferência imprecisa, e não em inferências gerais” (*ibid.*, p. 115).

ANÁLISE DE CONTEÚDO DE CARÁTER QUALITATIVO – ELEMENTOS A CONTRÁRIO À MA’AT

Logo no início do papiro (*recto*, linhas 2 – 3), o sacerdote de Heliópolis Kha-Kheper-Ré-Seneb ($h^c-hpr-r^c-snb$), também chamado Ankhu ($^c n h w$) (linha 1) lamenta a falta de inovação na tradição egípcia:

Possa eu ter palavras desconhecidas,
frases estranhas com palavras novas que nunca tenham sido pronunciadas,
sem quaisquer repetições,
um discurso nunca transmitido de viva voz
proferido pelos antepassados.

O sacerdote, neste ponto, expõe o seu desejo por inovação, que, como já exposto, se caracteriza por algo inédito no pensamento egípcio (CHAPPAZ, 1979, p. 12). Até o final da linha 7, elucubra acerca da invalidez da tradição exposta através da escrita. A partir de então, informa ao leitor que transferirá ao seu coração (*ib*) a pesada carga em suas costas, falando de sua dor e sofrimento (1. 8). É neste ponto que ele inicia seu monólogo acerca da complicada situação em que se encontra o Egito, parte que nos interessa neste estudo:

Kha-Kheper-Ré-Seneb, *recto*, 1. 10 – 12, grifos nossos:

$dns I rnpt r snnw.t.s$
 $šh3 B hpr m hdi \{.n.i\}$
[...]
 $rdi.tw m3^t rwty$
 $isft m-hnw šh$

Um ano é mais opressivo do que seu segundo.
A turbulência da terra aumenta a sua destruição.
[...]
Ma’at foi lançada fora;
Isefet está no interior da sala do conselho.

Neste trecho, há uma relação de equivalência entre o predomínio da opressão e da turbulência na terra do Egito com o fato da *ma’at* estar fora das fronteiras do país, e *isefet* estar dentro delas, chegando até mesmo a influenciar as decisões

tomadas nele, uma vez que se encontra na sala do conselho.

É digna de nota a intertextualidade existente entre este trecho e outro presente em *As Profecias de Neferti*, também datado no Reino Médio (*recto*, 1. 66, grifos nossos): “*iw m3^ct r iit r st.s / isft dr sy r-rwty | Ma’at regressará ao seu lugar / e isefet será atirada para a parte exterior*”. A similaridade entre as construções frasais é notável. Neste sentido, inferimos haver uma associação dos egípcios com *ma’at*, e dos estrangeiros com *isefet*. No mesmo caminho, *As Adomestações de Ipu-uer* (*recto*, 1. 54, grifos nossos) nos permite ir mais longe nestas associações: “*iw-ms dšrt ht t^c sp3wt hb3 / pdt rwty iyt.ti n kmt iw-ms spr [...] / nn ms wn rmt m st nb(t) | Na verdade, o deserto estende-se a todo o país, as províncias estão destruídas / Os estrangeiros do exterior vêm para o Egito. Na verdade, [os estrangeiros] chegaram e, de fato, não há pessoas em nenhum lugar*”. A partir da comparação entre os três trechos, por fim, chegamos à conclusão de que os **estrangeiros** são associados à *isefet* e ao deserto (*deshret*, *dšrt*, também traduzível como “Terra Vermelha”), e os **egípcios** com *ma’at* e o Egito (*kemet*, *kmt*, também traduzível como “Terra Negra”, em oposição à terra vermelha do deserto). A presença destas similaridades em diferentes textos da época nos permite inferir a circulação de tais ideias nos círculos literatos egípcios, muito próximos do faraó e da nobreza.

Mais adiante no texto, Kha-Kheper-Ré-Seneb continua suas lamentações sobre o estado negativo em que então se encontrava o Egito:

Kha-Kheper-Ré-Seneb, verso, 1. 1 – 4, grifos nossos:

*ihw bs m min
nhpw n sw3 drdrw
hr-nbw gr hr.f
hrt sf im p3 hrw
hr sni rs n cš3
hr dri
nn 3rk šs.f
nn dnwd
di.fr [...]
h3t pw gr r sdmt*

A miséria instalou-se no dia de hoje
e pela manhã (ainda) não se foi embora;
Toda a gente está silenciosa quanto a isto.
Os hábitos de ontem são como os de hoje porque
transgrediram, de fato, muito. O rosto (dos homens)
permanece imperturbável.
Não há ninguém que compreenda uma sabedoria,
**nem nenhum homem (suficientemente) zangado
para falar. [...]**
**É doloroso (guardar) silêncio em relação ao que se
ouve.**

Kha-Kheper-Ré-Seneb associa o **silêncio** dos egípcios com a manutenção da desordem (*isefet*) na terra do Egito. As tradições egípcias ligadas ao bem encontram-se perdidas, havendo uma noção de conformidade com a situação caótica descrita (“*Não há ninguém que compreenda uma sabedoria, nem nenhum homem (suficientemente) zangado para falar*”). A continuação dos hábitos transgressores dos egípcios só prossegue em seu caminho, dia após dia, porque ninguém levanta a voz para protestar. O próprio sacerdote lamenta a dor que causa nele ficar em

silêncio nesta situação, logo em seguida complementando:

Kha-Kheper-Ré-Seneb, verso, 1. 4 – 5, grifos nossos:

<i>ih pw wšb n hm</i>	Rejeitar um discurso provoca inimizade.
<i>hsf hn hr šhpr rkꜣw</i>	O coração (<i>ib</i>) não aceita a verdade (<i>ma'at</i>)
<i>n šsp.n ib m3ꜣt</i>	Ninguém é paciente com o relato da palavra.
<i>n whꜣd.tw smi n mdt</i>	Todo homem gosta do seu (próprio) discurso.
<i>mri nb ts:f</i>	Cada um se estabelece sobre (a sua) desonestidade.
<i>bw-nbw grg hr hꜣbb</i>	A retidão abandonou os discursos.
<i>bꜣt mtw mdt</i>	

O coração (*ib*), a consciência dos egípcios, não aceita *ma'at*. Kha-Kheper-Ré-Seneb nos dá pistas de como isso ocorre: não há tolerância com o discurso diferente, que busca mostrar o erro, pois “*rejeitar um discurso provoca inimizade*”, “*ninguém é paciente com o relato da palavra*”. Cada um prefere escutar apenas o próprio discurso, se fechando para qualquer um alheio.

Inferimos então que a solidariedade social, ligada à ideia da *ma'at*, é associada à fala como ação, e como motivadora de ação na sociedade. O trecho exposto também nos permite inferir que a receptividade perante o discurso alheio, ou seja, o ato de *escutar*, tem de existir em equilíbrio com a fala para que *ma'at* prevaleça em relação à *isefet*. O excerto “*A retidão abandonou os discursos*” nos permite dizer que *ma'at* não estava presente nem sequer na fala dos egípcios, o que decerto tornava mais difícil realiza-la no plano concreto.

A cópia que chegou até nós finaliza-se com Kha-Kheper-Ré-Seneb dirigindo-se uma vez mais ao seu coração, denunciado o seu desespero em ser ouvido e compreendido:

Kha-Kheper-Ré-Seneb, verso, 1. 4 – 5, grifos nossos:

<i>dd.i n.k ib.i wšb.k n.i</i>	Eu falo contigo, meu coração, possas tu responder-me!
<i>n gr.n ib ph</i>	Um coração agressivo não pode ser silenciado!
<i>mk hrw b3k mi nb</i>	Olha, as necessidades do dependente são as mesmas
<i>ꜣ3 wdn hr.k</i>	das do senhor!
	É muita carga sobre ti!

“Um coração agressivo não pode ser silenciado” é uma tradução nossa para *n gr.n ib ph*.

Por fim, as análises realizadas nos permitiram entender que a ideia central referente à *ma'at* no texto em questão está ligada à exortação do egípcio comum frente à sua responsabilidade perante o equilíbrio terreno e Cósmico de sua sociedade. Ao fazê-lo, alerta-o do perigo de se negar a **falar** quando seu coração (*ib*), ou consciência, sente que tal equilíbrio está sendo quebrado – bem como os perigos do alheamento total frente a ouvir o outro, que pode sabiamente exortar acerca de qualquer desvio na ordem.

A associação implícita dos egípcios com *ma'at* e dos estrangeiros com *isefet*

reforça este ponto de vista, uma vez que põe sobre os ombros dos primeiros a responsabilidade pela manutenção da *ma'at*, já que, de acordo com tal cosmovisão, ela só existe em função deles.

Tendo em vista facilitar a compreensão destes fatores, elaboramos o esquema a seguir. É válido salientar a via de mão dupla em que se constitui esta relação:

Fala ↔ **Ação (escutar / agir em favor de *ma'at*)** ↔ **Justiça/Verdade**

Logo, a responsabilidade em manter a *ma'at* no Egito deve ser constantemente reforçada através da fala e da escuta, amalgamadoras da sociedade egípcia, não estando somente nos ombros do faraó tal dever. Todos os egípcios têm um papel no equilíbrio cósmico e terreno da Terra Negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A partir das relações de intertextualidade d'*As Lamentações de Kha-Kheper-Ré-Seneb* com outros textos literários egípcios do Reino Médio - a saber, *As Profecias de Neferti* e *As Admoestações de Ipu-uer* – notamos uma associação direta entre a *ma'at* com os próprios egípcios, e *isefet* com os estrangeiros, enxergados como uma das causas das descritas calamidades que assolavam o Egito.

A outra causa está diretamente relacionada ao tom de denúncia do texto no que se refere à falta de solidariedade social dos egípcios, esta ligada ao **silêncio** (falta de ação) ao contrário da **fala/escuta** (ação). Ao não se pronunciarem quanto à desordem dominante no Egito, cada egípcio se tornava conivente com ela.

Logo, a noção da *ma'at* a ser transmitida pela elite letrada no texto está ligada principalmente à ideia de **ação através da fala/escuta**. Mediante a ênfase e repetição das consequências negativas da falta dela para toda a sociedade, se buscava resgatar a noção de solidariedade social perdida na memória cultural egípcia durante o Primeiro Período Intermediário.

Por fim, a escrita egípcia, cujo desenvolvimento se deu em razão de e na mesma medida do poder faraônico estabelecido no Reino Antigo, contribuiu no Reino Médio para a manutenção da ordem dominante através da exaltação da *ma'at*, noção estreitamente relacionada ao faraó enquanto pessoa e instituição. Deste modo, continuava a servir aos propósitos de uma elite letrada fortemente ligada à realeza, interferindo na memória cultural de um segmento político relevante no Egito faraônico da época. Em última instância, reforçava a participação social na manutenção de determinada *ordem* social e cósmica.

REFERÊNCIAS

ALLEN, James P. **Middle Egyptian Literature: Eight Literary Works of Middle Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

ASSMANN, Jan. **Maât: l'Égypte pharaonique et l'idée de justice sociale**. 3^a ed. Paris: MdV, 1989 [2010].

_____. **Religião y memoria cultural: diez estudios**. Tradução de Marcelo G. Burello e Karan Saban. Buenos Aires: Lilmod, 2008.

_____. **Cultural Memory and Early Civilization: Writing, Remembrance and Political Imagination**. Tradução de David Henry Nilson. New York: Cambridge University Press, 2011.

BAINES, John. "Literacy, social organization, and the archaeological record: the case of early Egypt". In: GLEDHILL, J., BLENDER, B., LARSEN, M. T. (eds.). **State and Society: The Emergency and Development of Social Hierarchy and Political Centralization**. London e New York: Routledge, 1988, p. 187 – 208.

BARBOTIN, Christophe. "Le Dialogue de Khâkheperréseneb avec son *Ba*, tablete British Museum EA 5645/Ostracon Caire JE 50249 + Papyri Amherst III & Berlin 3024". In: **Revue d'Égyptologie – RdE**, v. 63. Paris, 2012, p. 1 – 20.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

CANHÃO, Telo Ferreira. **Doze Textos Egípcios do Império Médio**: traduções integrais. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

_____. **Textos da Literatura Egípcia do Império Médio**: textos hieroglíficos, transliterações e traduções comentadas. Lisboa: Montra – Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion. "Escrita, sistema canônico e literatura no Antigo Egito". In: BAKOS, M. M.; POZZER, K. M. P. (orgs.). **III Jornada de Estudos do Oriente Antigo: línguas, escritas e imaginários**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 95 – 144.

CHAPPAZ, Jean-Luc. "Un manifeste littéraire du Moyen Empire. Les lamentations de Kha-Kheper-Re-Seneb". In: **Bulletin de la Société d'Égyptologie – Genève 2 – BSEG**, Genève: 1979, p. 3 – 12.

FOSTER, John L. **Ancient Egyptian Literature: An Anthology**. Austin: University of Texas Press, 2002.

FOSTER, John L.; FOSTER Ann L. "Ancient Egyptian Literature". In: WILKINSON, Richard H. (org.). **Egyptology Today**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 206 – 229.

GARDINER, Alan H. **The Admonitions of an egyptian sage**, from a hieratic papyrus in Leiden (Pap. Leiden 344 recto). Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1969, p. 95 – 112.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. "Does Egyptology needs a 'Theory of Literature'?". In: LOPRIENO, Antonio (ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms - AEL**. Leiden, New York e Köln: E. J. Brill, 1996, p. 3 – 21.

KADISH, Gerald E. "British Museum Writing Board 5645: the complaints of Kha-Kheper-Ré'-Senebu". In: **The Journal of Egyptian Archaeology**, vol. 59, 1973, p. 77 – 90.

LOPRIENO, Antonio. "Defining Egyptian literature: ancient texts and modern theories." In: LOPRIENO, Antonio (ed.). **Ancient Egyptian Literature: History and Forms – AEL**. Leiden, New York e Köln: E.

J. Brill, 1996, p. 39 – 58.

MENU, Bernardette. **Maât: l'ordre juste du monde**. Paris: Michalon, 2005.

MORENZ, Ludwig D. "Literature as a Construction of the Past". In: TAIT, John. **'Never had the Like Occurred': Egypt's view of its past**. London: UCL Press, 2003, p. 101 – 117.

OCKINGA, Boyo G. "The Burden of Kha'Kheperre'sonbu". In: **The Journal of Egyptian Archaeology – JEA**, v. 69, 1983, p. 88 – 95.

PARKINSON, Richard B. "Khakheperreseneb and traditional belles lettres". In: MANUELIAN, Peter der (ed.). **Studies in honor of William Kelly Simpson**, v. 2. Boston: Museum of Fine Arts, 1996, p. 647 – 654.

_____. "The Text of *Khakheperreseneb*: new readings of EA 5645, and an unpublished ostrakon". In: **The Journal of Egyptian Archaeology - JEA**, v. 83, 1997, p. 55 – 68.

QUIRKE, Stephen. **Egyptian Literature 1800 BC: questions and readings**. London: Golden House Publication Egyptology 2, 2004.

ROSENVASSER, Abraham. "Introducción a la literatura egípcia: las formas literarias (con un apéndice)". In: ROSENVASSER, Abraham (dir.). **Revista del Instituto de Historia Antigua Oriental**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 1976, p. 7 – 105.

SALES, José das Candeias. **Política(s) e Cultura(s) no Antigo Egipto**. Lisboa: Chiado, 2015.

VERNUS, Pascal. **Future at Issue. Tense, Mood and Aspect in Middle Egyptian: studies in Syntax and Semantics**. New Haven: Yale Egyptological Seminar, Department of Near Eastern Languages and Civilizations, 1990.

_____. "Naissance des hiéroglyphes et affirmation iconique du pouvoir: l'emblème du palais dans la genèse de l'écriture". In: VERNUS, Pascal (org.). **Les Premières Cités et la Naissance de l'Écriture**. Paris: Actes Sud/Alphabets, 2011a, p. 27 – 58.

_____. "«Littérature», «littéraire» et supports d'écriture. Contribution à une théorie de la littérature dans l'Égypte pharaonique". In: **EDAL II – Egyptian & Egyptological Documents, Archives & Librairie**, 2010-2011, pp. 19 – 74.

WILLEMS, Harco. "The First Intermediate Period and the Middle Kingdom". In: LLOYD, Allan B. (org.). **A Companion to Ancient Egypt**. Vol. II. Oxford: Blackwell, 2010, p. 81 – 101.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ariano suassuna 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164
Armando de salles oliveira 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 190, 192
Arte sacra 246, 253, 255
Assentamento 337, 351, 353, 354, 355, 356, 358, 359, 360, 361, 362

B

Bíblia 211, 215, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297
Biografia 166, 178, 200, 219, 233, 235, 241, 243, 244, 299, 330, 331, 332

C

Consciência histórica 19, 47, 50, 51, 106, 108, 109, 110, 115, 117, 134, 135, 138, 166, 172, 173
Contestado 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140
Cotas 181, 182, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 202, 203, 205, 206
Cultura 7, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 22, 24, 26, 29, 30, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 51, 55, 56, 61, 69, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 93, 95, 103, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 143, 147, 148, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 184, 185, 187, 190, 192, 194, 196, 202, 203, 204, 216, 220, 236, 245, 261, 270, 277, 280, 281, 289, 290, 297, 299, 306, 307, 320, 321, 322, 323, 326, 328, 329, 343, 344, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 363, 366, 368, 369, 371, 374, 375, 376
Cultura política 270, 299, 306, 307, 351, 353, 357, 358, 360, 361, 362, 376
Currículo 14, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 37, 43, 47, 49, 53, 56, 57, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 77, 79, 80, 96, 104, 107, 111, 120, 121, 122, 194

D

Diocese 102, 246, 251, 253, 255, 256, 258, 259, 264, 266, 269, 270
Discurso 4, 5, 15, 24, 31, 49, 78, 102, 124, 128, 129, 153, 155, 180, 183, 186, 187, 233, 238, 239, 241, 243, 255, 256, 274, 284, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297, 300, 302, 303, 304, 305, 306, 314, 315, 317, 375

E

Educação infantil 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 107, 206
Educação patrimonial 80, 83, 89, 90, 91, 92, 93, 332
Egito 156, 308, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 319
Ensino das ciências 53, 54, 58, 62, 67
Ensino de história 1, 2, 12, 15, 19, 24, 37, 39, 44, 49, 51, 68, 91, 92, 99, 103, 106, 108, 117, 118, 119, 124, 129, 130, 153, 171, 172, 177, 179
Ensino fundamental 14, 15, 16, 21, 44, 70, 75, 93, 102, 104, 107, 118, 120, 123, 128, 129, 130, 132, 138, 139
Ensino médio 75, 123, 131, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 152
Escravidão 5, 7, 9, 31, 43, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 201, 346, 376
Etnografia 47, 216, 332

F

Folclore 14, 164, 321, 322, 328

Formação de professores 54, 55, 68, 76, 79, 106, 107, 108, 109, 178, 179

H

Hagiografia 214, 233, 236

História da educação 54, 68, 130, 165, 166, 171, 172, 174, 175, 177, 179, 192, 194

História indígena 35, 37, 40, 42, 44, 48, 49, 50, 51

I

Igreja 87, 92, 100, 148, 199, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 237, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 252, 254, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 268, 270, 274, 276, 282, 289, 290, 291, 292, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 322, 343, 347

Interdisciplinaridade 19, 141, 142, 145, 146, 148, 149, 150, 152, 153, 178

Iphan 90, 105, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 338, 339

J

José de anchieta 225, 229, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 241, 242, 244

L

Lei federal 14, 69, 70, 72, 78

Leitura 1, 2, 3, 24, 29, 62, 113, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 128, 156, 160, 174, 231, 268, 272, 277, 282, 284, 286, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 306, 340, 345, 360

Livros didáticos 37, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 59, 63, 66, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 138, 140, 141, 142, 146

M

Manaus 26, 35, 36, 258, 259, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375

Mártir 43, 208, 209, 214, 216, 217, 218, 219, 263

Memória 1, 2, 10, 13, 14, 24, 26, 28, 33, 34, 35, 36, 42, 50, 51, 52, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 93, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 105, 112, 124, 130, 131, 132, 133, 136, 139, 140, 141, 151, 152, 155, 167, 172, 179, 219, 228, 231, 235, 237, 276, 300, 307, 308, 310, 318, 319, 331, 362, 371, 376

Murais 18, 246, 247, 248, 253, 256, 257

N

Negritude 1

O

Ordens religiosas 236, 237, 240, 243, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 280, 281, 282, 283

P

Paraíba 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 101, 104, 156, 160, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 308
Patrimônio cultural 80, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 103, 104, 256, 330, 332, 338
Patrimônio histórico 80, 83, 87, 89, 90, 330, 335
Paulo bourroul 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Pensamento educacional 154
Pensamento social brasileiro 321, 326, 328
Pinturas históricas 118, 120, 123, 124, 125, 127, 128, 129
Política 14, 17, 21, 23, 36, 42, 48, 49, 56, 59, 68, 80, 105, 119, 121, 122, 129, 135, 155, 156, 160, 161, 171, 174, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 207, 233, 240, 241, 242, 243, 247, 261, 270, 285, 288, 289, 291, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 312, 313, 314, 320, 325, 335, 340, 342, 343, 344, 349, 351, 353, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 373, 374, 376
Políticas afirmativas 21, 22, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206
Porto seguro 103, 126, 128, 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231
Portugal 97, 178, 208, 214, 219, 223, 227, 229, 232, 245, 269, 271, 272, 274, 281, 282, 283, 323, 324, 325, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350
Profhistória 37, 91

R

Rap 363, 364, 365, 366, 369, 370, 371, 373, 374, 375
Religião 5, 19, 73, 102, 175, 209, 210, 212, 215, 245, 264, 265, 272, 274, 282, 298, 302, 303, 313

S

Sala de aula 2, 12, 14, 20, 22, 40, 45, 49, 65, 91, 93, 95, 109, 118, 121, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 134, 136, 139, 161, 163, 168, 176, 177, 339
Santo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 100, 101, 102, 118, 164, 208, 209, 210, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 236, 239, 244, 248, 251, 252, 259, 276, 277, 281, 301, 343, 371

T

Teatro 19, 51, 87, 154, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 180, 183, 262, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 348, 349, 350, 369

U

Universidades 39, 162, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 192, 194, 196, 197, 198, 200, 205, 285, 305

Z

Zumbi dos palmares 87, 351, 353, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362

 **Atena**
Editora

2 0 2 0